

Utilização e importância atribuída à projeção do fluxo de caixa operacional por 207 empresas da microrregião da AMUREL

Rodney Wernke (UNISUL) rodney.wernke@unisul.br

Ivone Junges (UNISUL) ivone.junges@unisul.br

Marluce Lembeck (UNISUL) marluce.lembeck@unisul.br

Ivanir Rufatto (PPGCCA/UNOCHAPECÓ) rufatto@unochapeco.edu.br

Resumo: O artigo relata pesquisa que pretendeu responder questão ligada ao nível de uso e relevância atribuída pelos gestores de empresas estabelecidas na microrregião da Amurel à projeção do fluxo de caixa operacional e à algumas das informações oriundas. Foi empregada metodologia descritiva, com abordagem quantitativa e coleta de dados por intermédio de sondagem. Após breve revisão da literatura foram apresentadas as principais características das empresas respondentes. Em seguida, foram evidenciados os dados coligidos sobre a frequência de uso e a importância atribuída à projeção do fluxo de caixa, bem como acerca da relevância imputada às informações que podem ser extraídas desse tipo de instrumento, segregando-se as respostas em dois grupos (indústrias e comércio/serviços). Constatou-se que 39,13% dos respondentes afirmaram utilizar diariamente esse demonstrativo financeiro, enquanto que 22,23% não utilizam. Ainda, para 81,16% dos gestores pesquisados, esta ferramenta é muito importante e pouco menos de 10% dos respondentes consideraram irrelevante (1,45%) ou desnecessária (8,21%) essa projeção. Também se apurou que há divergências entre as empresas fabris e as não-fabris, onde as informações do fluxo de caixa foram mais valorizadas pelas indústrias. Por último, foram citadas limitações do estudo e feitas recomendações para trabalhos futuros.

Palavras-chave: Fluxo de caixa. Survey. Amurel.

Utilization and importance attributed to the projection of operating cash flow by 207 companies in the micro-region of Amurel

Abstract: This paper reports a research that aimed to answer questions linked to level of use and relevance attributed by managers of companies located in Amurel micro region to the operational cash flow projection and to some deriving information. It was employed a descriptive methodology, with quantitative approach and data collect by intermediate survey. After a brief review of lecture were showed the main characteristics of respondent companies. Them, were evidenced the collect data about frequency of use and attributed importance to the cash flow projection, and also about imputed relevance to the information that can be extracted from this instrument, segregating the answers in two groups, industries and commerce/services). It was found that 39,13% of the respondent stated to use daily this financial statement, while 22,23% did not use. Yet, for the 81,16% of the managers researched, this tool is very important and less than 10% of the respondent considered irrelevant (1,45%) or unnecessary (8,21%) this projection. Also was found that there are divergences between manufacturing and not-manufacturing companies, where these information of cash flow were most valued by industries. Lastly, were stated limitations of the study and made recommendations for future works.

Keywords: Cash Flow. Survey. Amurel.

1. Introdução

Diversas pesquisas já elencaram fatores que restringem o crescimento de pequenas e médias empresas (PMEs) e destacaram aspectos relacionados às dificuldades atreladas ao acesso ao crédito, à elevada carga tributária, à adaptação às novas exigências mercadológicas e à gestão financeira inadequada, entre outros (AZOULAY; SHANE, 2001; CLEVERLY, 2002; LIU, 2009; RUENDGET; WONGSURAWAT, 2010; SALES; BARROS; ARAÚJO, 2011; MAHAMID, 2012; SANTOS; ALVES; BARRETO, 2012; NASCIMENTO *et al*, 2013; SANTINI *et al*, 2015).

Contudo, neste estudo se priorizou o conhecimento acerca do uso da projeção do fluxo de caixa operacional, que pode ser entendido como uma previsão das entradas e saídas de numerário em determinado período (ZDANOWICZ, 2012). Esse foco foi selecionado porque as empresas, independente do porte, necessitam de um planejamento financeiro adequado para alcançar estabilidade frente às especificidades e dinamismo do mercado atual. Nessa direção, Marion (2015, p. 110) ressalta que “entre três principais razões de falências ou insucessos da empresa, uma delas é a falta de planejamento financeiro ou a ausência total do fluxo de caixa”, de vez que sem um planejamento financeiro é difícil identificar antecipadamente quando haverá caixa suficiente para cumprir os compromissos perante fornecedores e credores. Provavelmente essa necessidade está presente também no cotidiano de muitas empresas sediadas na microrregião da Amurel (Associação dos Municípios da Região de Laguna), sul de Santa Catarina. Entretanto, o uso gerencial da projeção do fluxo de caixa operacional depende das políticas adotadas pelos administradores e vincula-se a diversos aspectos, como a facilidade de obtenção dos dados e a utilidade das informações provenientes (entre outros motivos).

Nesse ponto emerge a questão de pesquisa que se pretende responder: quais os níveis de utilização e importância atribuídos à projeção do fluxo de caixa operacional e respectivas informações pelos gestores de empresas sediadas na microrregião da Amurel? A resposta para essa indagação pode contribuir para confirmar ou refutar as duas hipóteses que nortearam sua elaboração, ou seja, (i) o grau de utilização do fluxo de caixa projetado é proporcional ao grau de importância atribuído pelos administradores e (ii) há semelhança nos níveis de relevância atribuídos às informações provenientes dessa projeção nas empresas industriais e não-industriais (comércio e serviços). Então, para dirimir as dúvidas suscitadas a pesquisa teve como objetivo identificar o nível de utilização desse tipo de instrumento gerencial, bem como o grau de importância respectivo imputado pelos gestores dos empreendimentos estabelecidos na região geográfica citada.

Estudos com esse enfoque se justificam porque artigos com essa temática não são comuns (especialmente abrangendo o território composto pelos municípios da Amurel) e, principalmente, porque ajudam a compreender o atual estágio da gestão financeira das empresas pesquisadas no que tange às práticas financeiras adotadas e aos instrumentos gerenciais priorizados. Então, a partir dessa lacuna de pesquisa se pretende contribuir com um diagnóstico sobre o tema que propicie o conhecimento da situação atual e permita que iniciativas de melhoria sejam cogitadas e/ou implementadas por associações empresariais e instituições universitárias, entre outros possíveis interessados.

Quanto à composição do texto, após essa parte introdutória é apresentada uma breve revisão da literatura a respeito, seguida dos aspectos metodológicos relacionados ao estudo. Na quarta seção são apresentados os dados levantados e na quinta seção faz-se a análise e discussão dos resultados. Finalizando o artigo são apresentadas as conclusões, destacadas as limitações e apresentadas sugestões para trabalhos futuros.

2. Revisão da Literatura

Nesta parte do artigo são evidenciadas principais características da ferramenta gerencial financeira priorizada na pesquisa, conforme destacado a seguir.

2.1. Projeção do Fluxo de Caixa

Para Assaf Neto e Silva (2002) o fluxo de caixa é de fundamental importância para as empresas, constituindo-se numa indispensável sinalização dos rumos financeiros dos negócios. Para se manterem em operação, as empresas devem liquidar corretamente seus vários compromissos, devendo como condição básica apresentar o respectivo saldo em seu caixa nos momentos dos vencimentos. A insuficiência de caixa pode determinar cortes nos créditos, suspensão de entregas de materiais e mercadorias, e ser causa da descontinuidade em suas operações.

Cardoso (2012) comenta que a previsão do fluxo de caixa é, talvez, a mais importante etapa de um planejamento financeiro, pois é através dela que se determina o excesso ou eventual necessidade de recursos financeiros para as operações da empresa. Nessa direção, Zdanowicz (2012) assevera que o Fluxo de Caixa é o instrumento que projeta o futuro conjunto de ingressos e desembolsos financeiros da empresa para um determinado período. Referida ferramenta pode ser definida como a técnica utilizada pelo executivo financeiro com o objetivo de apurar o total de ingressos e desembolsos financeiros da empresa para determinado momento, diagnosticando assim os excedentes ou a escassez de caixa, em função do nível desejado de caixa.

Para Scherer *et al* (2012, p. 38), “a Demonstração do Fluxo de Caixa visa oferecer aos usuários informações sobre a capacidade da entidade de gerar caixa, detalhadas na forma de pagamentos e recebimentos ocorridos em determinado período”. Ainda, proporciona informações que auxiliam os usuários na avaliação dos ativos líquidos de uma entidade, sua estrutura financeira (inclusive sua liquidez e solvência) e sua capacidade de alterar os valores e prazos dos fluxos de caixa a fim de adaptá-los às mudanças necessárias.

Lins e Francisco Filho (2012) defendem que as informações sobre os fluxos de caixa são úteis para avaliar a capacidade de a entidade gerar recursos dessa natureza e possibilitam aos usuários desenvolver modelos para avaliar e comparar o valor presente de futuros fluxos de caixa de diferentes entidades. A demonstração dos fluxos de caixa também melhora a comparabilidade dos relatórios de desempenho operacional para diferentes entidades porque reduz os efeitos decorrentes do uso de diferentes tratamentos contábeis para as mesmas transações e eventos.

2.2. Benefícios e limitações associados

Zdanowicz (2012) comenta que as principais vantagens no uso do fluxo de caixa pela empresa são:

- a) Visão integrada e holística que proporciona à direção e às gerências da empresa a percepção da relevância de se buscar a otimização do caixa.
- b) Diretores e gerentes obtêm uma visão segura a curto, médio e longo prazo da situação financeira.
- c) Elaboração de estratégias de vendas, compras e créditos fixados de acordo com a provável posição financeira da empresa.
- d) Avaliação da capacidade de pagamento antes de se assumir compromissos.

e) Comparação entre os recebimentos das vendas e os pagamentos das compras para cobrir os gastos previstos no período considerado.

f) Definição do melhor momento para efetuar a reposição dos estoques em função dos prazos de pagamento e da disponibilidade de caixa.

Marcousé, Surridge e Gillespie (2013) destacam como benefícios das previsões de fluxo de caixa as possibilidades ofertadas ao gestor financeiro no sentido de que: (i) antecipe valores e o prazo de capitalização para qualquer escassez de caixa (a empresa pode descobrir se tem recursos suficientes para pagar suas contas com base na previsão do fluxo de caixa); (ii) providencie cobertura financeira para qualquer previsão de escassez de caixa, pois ter a informação sobre quando a empresa ficará sem dinheiro é fundamental para que possa tomar medidas para garantir que tenha caixa suficiente; (iii) reveja os prazos e os valores de receitas e pagamentos e (iv) contrate empréstimos (se os problemas forem de longo prazo) ou recorra ao cheque especial (se os problemas forem de curto prazo).

Por outro lado, os gestores devem se atentar para as limitações inerentes a esse tipo de projeção. Destarte, Zdanowicz (2012, p. 162) cita que “o fluxo de caixa pode apresentar algumas limitações, dependendo da forma como será elaborado e da importância que receber dentro da empresa pela direção e pelos gerentes”. Nesse rumo, menciona que limitações mais usuais costumam se relacionar a (i) não receber o apoio integral da direção da empresa; (ii) somente ser utilizado pela área financeira e não estar ligado com as demais áreas, gerando projeções incompletas e equivocadas na tomada de decisão; (iii) distorções dos valores projetados por fatores internos e externos não previsíveis, acarretando prejuízos econômicos e financeiros e (iv) os responsáveis pela elaboração não apresentarem qualificação técnica suficiente.

Marcousé, Surridge e Gillespie (2013) salientam que ao preparar uma previsão de fluxo de caixa os administradores precisam fazer suposições sobre o futuro, embora alguns valores reais possam ser utilizados, como o aluguel mensal acordado com o locador. Quando se fizer as previsões de fluxo de caixa é prudente a empresa considerar de que os números são estimativas e adicionar alguma margem de segurança. Além disso, os gestores devem se perguntar o que aconteceria se as vendas fossem inferiores às esperadas; se o cliente não pagasse no prazo ou se os preços de insumos fossem maiores do que o esperado. O uso de planilhas eletrônicas permite às empresas analisar algumas dessas possibilidades. Com o uso de planilhas é possível ajustar os prazos e valores. Isso permite que uma empresa avalie as situações mais prováveis e os piores cenários. A empresa também precisa estar ciente de que os valores são baseados em pressupostos atuais do mercado e da conjuntura econômica. Se forem detectadas mudanças, deverá analisar de que forma estas afetarão o fluxo de caixa.

2.3. Estudos anteriores sobre o tema

Quanto a pesquisas assemelhadas, cabe evidenciar os estudos de Souza e Rios (2011) com 94 empresas do município de São Roque (SP); Hall *et al* (2012) com 30 micros e pequenas empresas do centro da cidade de Dourados (MS) e Santos, Dorow e Beuren (2016) com 41 empresas da região do Vale do Itajaí (SC).

Enquanto as duas primeiras focaram municípios específicos, a última abrangeu um território mais amplo. Contudo, nenhuma destas conseguiu representatividade estatística como obtido no estudo ora relatado, conforme exposto na sequência.

3. Metodologia

Em relação à tipologia, quanto aos objetivos desta pesquisa cabe classificá-la como descritiva. Para Andrade (2002) os estudos descritivos se preocupam em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, sem a interferência direta do pesquisador no contexto. No que tange à forma de abordagem, se enquadra como quantitativa. Richardson (1999) aduz que essa modalidade envolve as pesquisas que empregam a quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples (como percentual, média, desvio-padrão etc.) até àquelas mais complexas (como coeficientes de correlação, análises de regressão etc.). Quanto aos procedimentos técnicos empregados foi aplicada a técnica do levantamento (*survey*), conforme qualificado por Gil (2008). A coleta de dados aconteceu através da aplicação de questionário específico nos meses de junho a novembro de 2015. Referidos questionários foram preenchidos a partir das informações coligidas por um grupo de alunos de curso de Administração de universidade sediada na área geográfica abrangida.

A amostra utilizada envolveu 207 (duzentos e sete) empresas da microrregião da Amurel e, com base nesse número de participantes do estudo, pode-se dizer que os resultados aqui relatados expressam a realidade do contexto empresarial abrangido. Ou seja, assegurou-se a representatividade estatística acerca dos resultados apurados, visto que o erro amostral associado é de 6,8% ao nível de confiabilidade de 95%.

Quanto às características do questionário, este estava dividido em duas partes: a primeira visava conhecer algumas características das empresas participantes e dos profissionais respondentes, enquanto que a segunda parte investigou sobre a frequência de uso e a importância atribuída à projeção do fluxo de caixa operacional pelos administradores destas companhias (além de contemplar outros temas no mesmo levantamento, não tratados neste artigo pela restrição de espaço). Referido instrumento de pesquisa continha questões abertas, questões de múltipla escolha e algumas perguntas que envolviam uma escala de importância que ia de “1” a “5”, onde se considerava o nível “5” como extremamente importante e “1” como irrelevante. No que tange às etapas de processamento e análise dos dados coligidos, estes foram tabulados em planilha *Excel* utilizando-se apenas a estatística descritiva (frequência e número de respostas) para sintetizar os resultados e facilitar a interpretação dos “achados” do estudo, conforme delineado nas próximas seções.

4. Apresentação e Discussão dos Dados

Na sequência são apresentados os dados da pesquisa de campo realizada com 207 empresas sediadas na região da AMUREL, seguidos de breve descrição a respeito.

4.1. Características das Empresas Pesquisadas

Inicialmente o questionário utilizado contemplou perguntas que visavam revelar os principais aspectos relacionados aos empreendimentos estudados. Nesse sentido, quanto às características das empresas participantes do estudo convém mencionar os seguintes pontos:

- 1) Setores econômicos: 46,38% dos respondentes são empresas comerciais, 29,59% são prestadoras de serviços e 22,22% são indústrias.
- 2) Perfil dos respondentes: os questionários foram respondidos por proprietários (65,22%), funcionários da administração (18,36%) e gerentes (15,46%).

- 3) Tempo de existência: 45,89% das companhias participantes atuam há mais de 10 anos no mercado; 23,67% já funcionam entre 5 e 10 anos e 13,53% têm acima de 10 anos de atuação.
- 4) Número de funcionários: 62,32% das empresas possuem até 10 funcionários; 21,74% mantém entre 11 e 50 empregados; 4,35% empregavam entre 51 e 100 colaboradores e 11,59% têm mais de uma centena de trabalhadores registrados.
- 5) Forma de tributação: 60,87% das participantes são optantes pelo “Simples”, 8,21% são registradas como MEI e as demais companhias são optantes pelo regime do Lucro Real (20,77%) ou pelo Lucro Presumido (9,66%).

4.2. Nível de Utilização e Relevância da Projeção do Fluxo de Caixa

Nesta etapa da pesquisa foram efetuados questionamentos sobre a percepção dos gestores acerca do foco primordial desta. Com esse intuito, na sequência faz-se a evidenciação dos resultados apurados com base na opinião dos gestores que responderam ao questionário proposto, segregados em 162 empresas não-fabris (comércio e serviços) e 45 indústrias.

4.2.1. Projeção do Fluxo de Caixa (FC)

Esta parte do questionário iniciava com uma definição que visava elucidar o significado deste no contexto pesquisado, ou seja, “a projeção do Fluxo de Caixa (FC) operacional evidencia as entradas (recebimentos) e saídas (pagamentos) do caixa da empresa previstas para os próximos meses, com base nos controles internos de contas a receber e a pagar da empresa”.

Com fulcro nesse conceito, a primeira questão apresentada versava sobre a frequência com que os gestores utilizavam a projeção do fluxo de caixa operacional, sendo que as respostas amalhadas estão reproduzidas na Tabela 1.

Itens	Respondentes	% do total	Ind.	Com./Serv.
Diariamente (todos os dias)	81	39,13%	48,89%	36,42%
Gostaria de utilizar/analisar, mas não dispõe do demonstrativo.	12	5,80%	2,22%	6,79%
Mensalmente (1 vez por mês).	33	15,94%	13,33%	16,67%
Não utiliza	34	16,43%	11,11%	17,90%
Ocasionalmente (duas ou três vezes por ano).	6	2,90%	2,22%	3,09%
Semanalmente (1 vez por semana).	39	18,84%	22,22%	17,90%
Trimestralmente (a cada três meses, em média).	2	0,97%	0,00%	1,23%
Total	207	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: elaborada pelos autores.

Tabela 1 – Frequência de uso da projeção do Fluxo de Caixa Operacional

A partir dos dados levantados se constatou que 81 dos 207 respondentes (equivalente a 39,13% da amostra abrangida) asseveraram que utilizavam “diariamente” essa projeção, enquanto que 39 gestores (18,84%) informaram que utilizavam-na “semanalmente” e 33 administradores (15,94%) citaram a utilização com frequência mensal. Ainda, dois participantes (0,97%) mencionaram fazer uso dessa projeção trimestralmente e seis (2,90%) usam-na “ocasionalmente (duas ou três vezes por ano)”. No que tange aos que não priorizavam esse tipo de controle interno no cotidiano, apurou-se que 34 pesquisados (16,43%) alegaram que não utilizavam e 12 respondentes (5,80%) asseveraram que gostariam de utilizar/analisar, mas não dispunham dessa projeção de caixa na empresa que trabalham.

Sobre os resultados nos dois conjuntos de empresas, as maiores distinções nas respostas sobre a frequência de uso foram identificadas nas indústrias que utilizavam esse demonstrativo diariamente (48,89%) em relação ao percentual das companhias de comércio/serviços (36,42%). Por outro prisma, 11,11% das fábricas pesquisadas não utilizavam a projeção do fluxo de caixa, enquanto que 17,90% das comerciais e prestadoras de serviços afirmaram não fazer uso deste instrumento.

Na questão seguinte foi investigado acerca da importância que o gestor imputava à projeção das entradas e saídas de caixa por intermédio do Fluxo de Caixa (FC) operacional. Com esse propósito foram colhidas as respostas sumarizadas na Tabela 2.

Nível de importância	Respondentes	% do total	Ind.	Com/Serv.
Desnecessário (não utiliza e não sente falta para gerenciar a empresa).	17	8,21%	4,44%	9,26%
Irrelevante para melhorar o desempenho da companhia.	3	1,45%	0,00%	1,85%
Muito importante para melhorar o desempenho do empreendimento.	168	81,16%	91,11%	78,40%
Um pouco importante para melhorar o desempenho da empresa.	19	9,18%	4,44%	10,49%
Total	207	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: elaborada pelos autores.

Tabela 2 – Nível de importância atribuído à projeção do Fluxo de Caixa Operacional

Os resultados da pesquisa denotam que 8,21% dos respondentes consideraram essa projeção desnecessária visto que não utilizavam e não sentiam falta desse demonstrativo. Ainda, 1,45% dos participantes assinalaram a alternativa que qualificava essa projeção como “irrelevante para melhorar o desempenho da companhia” que dirigem. No lado oposto, 81,16% asseguraram que reputam como “muito importante para melhorar o desempenho do empreendimento” e 9,18% consideraram “um pouco importante para melhorar” a *performance* da empresa.

No que concerne à análise por tipo de empresa, nas indústrias a proporção daquelas que consideraram “muito importante” para aprimorar a gestão do negócio é maior (91,11%) do que nas firmas de comércio/serviços (78,40%). No outro extremo, o percentual das fábricas que julgaram “desnecessário” projetar o fluxo de caixa ficou em 4,44% e situou-se em 9,26% nas demais empresas respondentes.

Em seguida, como esse tipo de projeção pode fornecer informações úteis à gestão dos empreendimentos, foi indagado sobre o grau de importância que os respondentes atribuíam a quatro das possíveis utilidades desse demonstrativo. As respostas obtidas a respeito estão sintetizadas na Tabela 3.

Itens	Peso 1 Irrelev.	Peso 2 Pouco imp.	Peso 3 Interm.	Peso 4 Muito imp.	Peso 5 Extr. Imp.
Evolução futura do fluxo de caixa-Total	17,39%	0,48%	4,83%	13,53%	63,77%
Evolução futura do fluxo de caixa-Ind.	8,89%	0,00%	0,00%	20,00%	71,11%
Evolução futura do fluxo de caixa-C/S	19,75%	0,62%	6,17%	11,73%	61,73%
Datas com superávit de caixa-Total	17,39%	1,45%	4,83%	18,36%	57,97%
Datas com superávit de caixa-Ind.	8,89%	2,22%	2,22%	17,78%	68,89%
Datas com superávit de caixa-C/S	19,75%	1,23%	5,56%	18,52%	54,94%
Datas com déficit de caixa-Total	17,87%	0,00%	6,76%	9,18%	66,18%
Datas com déficit de caixa-Ind.	8,89%	0,00%	0,00%	8,89%	82,22%
Datas com déficit de caixa-C/S	20,37%	0,00%	8,64%	9,26%	61,73%
Datas que é necessário captar recursos-Total	20,29%	2,42%	5,31%	11,59%	60,39%
Datas que é necessário captar recursos-Ind.	8,89%	2,22%	2,22%	6,67%	80,00%

Datas que é necessário captar recursos-C/S	23,46%	2,47%	6,17%	12,96%	54,94%
Datas com sobras para investimento-Total	18,84%	1,93%	6,28%	14,01%	58,94%
Datas com sobras para investimento-Ind.	8,89%	0,00%	8,89%	11,11%	71,11%
Datas com sobras para investimento-C/S	21,60%	2,47%	5,56%	14,81%	55,56%

Fonte: elaborada pelos autores.

Tabela 3 - Importância atribuída às informações do Fluxo de Caixa Operacional

A primeira questão discorria sobre a possibilidade de conhecer a evolução das entradas e saídas de caixa (em R\$) nos próximos meses. A realidade expressa na Tabela 3 permite deduzir que a informação sobre a provável evolução das entradas e saídas de caixa nos períodos vindouros é considerada extremamente importante para a maior parte dos pesquisados, visto que 63,77% das respostas recebidas eram nesse sentido. Ainda, 13,53% adjetivaram essa informação como muito importante (peso “4” na escala de “1” a “5”) e 17,39% dos respondentes consideravam que tal projeção era “1 – Irrelevante” gerencialmente para a empresa que estavam vinculados. Por último, 0,48% atribuíram nível de relevância equivalente a “2” e 4,83% dos pesquisados escolheram assinalar a opção do peso “3” (nível intermediário entre os dois extremos da escala de importância empregada no estudo). Sobre esse tipo de informação o nível da relevância imputada pelas indústrias participantes do estudo foi bastante divergente em relação às outras empresas. No caso das industriais, 91,11% destas consideraram-na “muito importante” (20,00%) ou “extremamente importante” (71,11%), enquanto que no campo do comércio/serviços esse percentual atingiu apenas 73,46% (11,73% + 61,73%).

A segunda informação incluída na pesquisa versava sobre o conhecimento das “datas em que ocorrerão sobras de caixa (saldo positivo) nos próximos meses”. Com esse propósito foram coletadas respostas que indicaram que o uso da projeção do Fluxo de Caixa para saber as datas em que ocorrerão sobras de caixa (saldo positivo) nos próximos meses é considerada como “extremamente importante” (peso “5”) por 57,97% dos pesquisados e “muito importante” por 18,36% destes. Mas, cerca de 17,39% afirmaram que essa possibilidade é “1 – Irrelevante” e 1,45% responderam que consideram-na pouco importante (peso “2” na escala utilizada). De forma idêntica ao parágrafo precedente, no grupo das companhias comerciais/prestadoras de serviço o percentual das que entendem essa informação como importante também atingiu 73,46%, enquanto que nas fábricas o percentual chegou a 86,67%.

Situação um pouco diferente foi apurada em relação à pergunta que tratava da possibilidade de “identificar as datas nas quais haverá déficit de caixa (saldo negativo) durante os próximos meses. Destarte, com base no cenário revelado pela Tabela 3 é pertinente concluir que 66,18% dos 207 respondentes atribuíram o maior grau de importância para essa informação (peso “5”) e que 9,18% dos participantes seguiram caminho assemelhado ao atribuírem peso “4” à relevância de conhecer os períodos nos quais provavelmente ocorrerão déficits de caixa. Por outro lado, 17,87% dos respondentes imputaram pouca importância a essa informação, tendo em vista que assinalaram a opção “1 – Irrelevante”. Ainda, 6,76% optaram pela alternativa intermediária a respeito (peso “3”). A abertura das respostas em termos das categorias “indústria” e “comércio/serviços” mostrou a maior disparidade entre estas em todo o conjunto de informações em tela. Nesse sentido, nas fábricas a soma das respostas que consideraram relevante (“muito importante” e “extremamente importante”) atingiu 91,11%, contra 70,99% nas companhias de comércio/serviços (20,12 pontos percentuais de diferença).

A quarta informação inserida na pesquisa e que poderia ser obtida por meio da projeção do Fluxo de Caixa (FC) operacional referia-se a “conhecer as datas em que será necessário captar recursos (por meio de empréstimos, desconto de títulos etc.)”. Nesse rumo foram apuradas respostas que evidenciaram que cerca de 60,39% dos pesquisados entendem que o uso do Fluxo de Caixa para conhecer as datas em que será necessário captar recursos é extremamente

importante para a organização (peso “5”), sendo seguidos por 11,59% dos participantes que imputaram peso “4” para a relevância dessa informação. Contudo, 20,29% explicitaram que esta seria uma informação irrelevante (peso “1”) e foram acompanhados por 2,42% dos respondentes que lhe atribuíram peso “2” na escala utilizada. Ainda, 5,31% entenderam ser esta uma informação com importância intermediária (peso “3”). Por último, na análise por segmentos também se constatou que essa informação nas indústrias era mais valorizada que no grupo de comércio/serviços: 86,67% de “muito importante” e “extremamente importante” no caso das fábricas e 67,90% nas demais.

Finalizando esta parte foi indagado sobre a relevância atribuída pelos respondentes ao conhecimento sobre as “datas nas quais haverá dinheiro disponível para investimento (no mercado financeiro, na compra de bens etc.)”. Com esse intuito, as respostas obtidas dão conta de que para 58,94% dos respondentes a ciência das datas em que haverá dinheiro disponível para investir foi considerada extremamente importante (peso “5”), enquanto 14,01% optaram por atribuir peso “4” (muito importante). Entretanto, 18,84% consideram que essa informação seria irrelevante (peso “1”), enquanto que 1,93% dos participantes entenderam que caberia atribuir-lhe peso “2” e 6,28% qualificaram como importância média (peso “3”) essa informação. Cabe ressaltar, ainda, que no âmbito industrial a classificação como relevante (“muito” e “extremamente” importante) foi escolhida por 82,22% dos respondentes, enquanto que o percentual foi de 70,37% nas empresas de comércio/serviços.

Adicionalmente, a análise dos dois conjuntos de empresas mostrou que as indústrias participantes do estudo atribuem maior importância a esse conjunto de informações oriundas da projeção do fluxo de caixa. Nesse rumo, na média dos cinco quesitos apresentados cerca de 87,56% das fábricas atribuíram alta relevância a esses informes, contra 71,23% das outras empresas. Quanto àquelas que consideraram irrelevantes tais informações, nas industriais atingiu média de 8,89% e no outro grupo 20,99%.

5. Análise e Discussão dos Resultados

Neste tópico são elencados os principais “achados” do estudo acerca do uso e relevância imputada à projeção do Fluxo de Caixa (FC) operacional. Nessa direção, os resultados apurados permitiram deduzir que:

1) É possível cogitar que a projeção do fluxo de caixa operacional é mais utilizada por uma questão de controle de caixa e sobrevivência mercadológica. Nesse sentido, 81 empresas informaram que utilizam diariamente a projeção do fluxo de caixa, o que significa 39,13% dos pesquisados. Ainda, cerca de 18,84% utilizam-na semanalmente, 15,94% fazem uso com frequência mensal, 0,97% usam o Fluxo de Caixa trimestralmente e 2,90% apenas ocasionalmente. Nessa realidade vale a pena ressaltar que 22,23% dos respondentes afirmaram que não utilizam (16,43%) e/ou gostariam de utilizar, mas não dispõem da projeção de caixa no cotidiano administrativo da empresa (5,80%). Portanto, mais de 20% das entidades pesquisadas não fazem uso dessa ferramenta gerencial.

2) No que tange à relevância dessa projeção de caixa, na percepção de 81,16% dos gestores pesquisados esta ferramenta é muito importante e 9,18% citam-na como um pouco importante para a melhoria do desempenho empresarial. Em sentido contrário, pouco menos de 10% dos pesquisados consideraram “irrelevante” (1,45%) ou “desnecessária” (8,21%) essa forma de projeção.

3) Quanto às informações que podem ser obtidas desse instrumento, em torno de 63,77% dos respondentes acreditam que conhecer a evolução das entradas e saídas de caixa nos próximos

meses é “extremamente importante”. Esse mesmo nível de relevância é atribuído por 57,95% dos pesquisados no que tange à determinação das datas em que ocorrerão sobras de caixa (saldo positivo) nos próximos meses e por 66,18% em relação à informação sobre as datas em que haverá déficit de caixa no futuro. No mesmo rumo, cerca de 60,39% entendem ser “extremamente importante” usar a projeção do fluxo de caixa para conhecer as datas em que será necessário captar recursos. Além disso, 58,94% salientaram a grande importância de saber em quais datas haverá dinheiro disponível para investir.

4) Os dados coligidos indicaram, também, que 20,29% dos gestores respondentes da pesquisa acreditam ser irrelevante a utilização da projeção do fluxo de caixa para conhecer as datas em que será necessário captar recursos. Esse aspecto pode indicar que esse conjunto de empresas tem pouca predisposição para alavancar suas atividades por meio da captação de recursos no mercado financeiro.

5) Por fim, a análise dos dois conjuntos de empresas mostrou que as indústrias participantes do estudo atribuíram maior importância ao conjunto de informações oriundas da projeção do fluxo de caixa do que as empresas de comércio/serviços. Isso se fundamenta no fato de que, na média dos cinco quesitos apresentados, 87,56% das indústrias atribuíram alta relevância a esses informes e apenas 8,89% destas consideraram irrelevantes. No caso das empresas não-fabris a média foi de 71,23% para aquelas que deram importância elevada, contra 20,99% das que informaram não dar qualquer valor para essas informações.

Com relação à utilização da projeção do fluxo de caixa operacional, a maior parte das empresas participantes considerou esse procedimento “muito importante”, o que demonstra certo nível de maturidade na gestão dessas firmas, mesmo considerando todas as dificuldades no uso do demonstrativo. Ainda, a situação revelada pelos dados coletados indica um cenário conhecido pela literatura sobre o tema (por exemplo: HALL *et al*, 2012; SANTOS; DOROW; BEUREN, 2016). Nessa direção, a exemplo de outros estudos, verificou-se que os administradores das empresas pesquisadas têm dificuldades na utilização desse tipo de projeção, que poderia ser muito útil à gestão desses empreendimentos. Com isso, é coerente pensar que o fluxo de caixa projetado é pouco utilizado na tomada de decisão e na construção de cenários organizacionais, o que tende a dificultar o planejamento operacional e estratégico dos negócios dessas firmas.

6. Conclusões

Com base no exposto nas seções precedentes, considera-se que o estudo permitiu alcançar o objetivo inicialmente proposto, ou seja, conhecer o nível de utilização e importância atribuída à projeção do fluxo de caixa operacional pelos gestores das empresas estabelecidas na região geográfica analisada. Com tal propósito, a pesquisa retratou, com representatividade estatística (em termos de confiabilidade amostral), a realidade vigente nas empresas da microrregião da Amurel. Assim, poderá contribuir para o conhecimento das limitações e pontos positivos dessas entidades quanto ao uso desse tipo de instrumento gerencial.

No que tange especificamente aos resultados oriundos, os dados coligidos apontam que a maior parte das empresas pesquisadas apresenta dificuldade quanto à frequência de uso da projeção do fluxo de caixa operacional (com uso diário por 39,13% dos respondentes). Além disso, constatou-se que na comparação com as empresas comerciais/prestadoras de serviços, nas empresas fabris é maior a utilização do fluxo de caixa operacional, bem como é atribuída maior importância às possíveis informações dele oriundas (refutando a hipótese 2).

Entretanto, considera-se que a principal conclusão do estudo se vincula à aparente contradição entre o nível de uso e o grau de importância atribuído à projeção do fluxo de caixa operacional.

Embora ainda não seja utilizado no âmbito de todas as empresas pesquisadas, foi evidenciado que há uma percepção da maioria os gestores pesquisados de que esse tipo de controle interno pode auxiliar bastante no aprimoramento da administração financeira destas entidades (o que refuta também a hipótese 1).

Por outro lado, a pesquisa apresenta como principal limitação a subjetividade da percepção dos respondentes quanto ao conceito indagado. Mesmo que tenha se tentado reduzir esse problema com a inserção de um texto introdutório descrevendo o controle interno priorizado no questionário, provavelmente alguma dificuldade de compreensão pode ter se mantido e, eventualmente, prejudicado a veracidade dos dados coligidos. Adicionalmente, partiu-se da premissa de que as respostas obtidas são verdadeiras; mas, não há comprovação documental da utilização desse instrumento financeiro pelas empresas pesquisadas, como informado pelos respondentes.

Como sugestão para trabalhos futuros propõe-se, então, incluir na coleta de dados (questionário) os tipos de sistemas/critérios empregados para a obtenção das informações nos controles internos utilizados nessas empresas. Isso diminuiria as incertezas quanto à comprovação da efetiva utilização dos referidos instrumentos financeiros por parte das companhias participantes.

Referências

- ANDRADE, M. M. de.** *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. da.** *Administração do capital de giro*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- AZOULAY, P.; SHANE, S.** *Entrepreneurs, contracts, and the failure of young firms*. Management Science, v. 47, n. 3, p. 337-358, 2001.
- CARDOSO, Ruy Lopes.** *Orçamento empresarial: aprender fazendo*. São Paulo: Atlas, 2012.
- CLEVERLY, W. O.** *Who is responsible for business failures?* Healthcare Financial Management Review. Westchester, v. 56, n. 10, p. 45-51, Oct. 2002.
- GIL, A. C.** *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, R. J.; COSTA, V. C.; KREUZBERG, F.; MOURA, G. D.; HEIN, N.** *Contabilidade como uma ferramenta da gestão: um estudo em micro e pequenas empresas do ramo de comércio de Dourados-MS*. Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v. 6, n. 3, p.4-17, set/dez, 2012.
- LINS, L. dos S.; FRANCISCO FILHO, J.** *Fundamentos e análise das demonstrações contábeis: uma abordagem interativa*. São Paulo: Atlas, 2012.
- LIU, J.** *Business failures and macroeconomic factors in the UK*. Bulletin of Economic Research, n. 61, v. 1, 2009.
- MAHAMID, I.** *Factors affecting contractor's business failure: contractors' perspective*. Engineering, Construction and Architectural Management, v. 19 n. 3, p. 269-285, 2012.
- MARCOUSÉ, I.; SURRIDGE, M.; GILLESPIE, A.** *Finanças*. São Paulo: Saraiva, 2013.
- MARION, J. C.** *Contabilidade básica*. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- NASCIMENTO, M.; LIMA, C. R. M. de; LIMA, M. A. de; ENSSLIN, E. R.** *Fatores determinantes da mortalidade de micros e pequenas empresas da região metropolitana de*

Florianópolis sob a ótica do contador. Revista Eletrônica Estratégia e Negócio, v. 6, n. 2, p. 244-283, mai./ago. 2013.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUENGDET, K.; WONGSURAWAT, W. *Characteristics of successful small and micro community enterprises in rural Thailand*. *Journal of Agricultural Education and Extension*, v. 16, n. 4, p. 385-397, 2010

SALES, R. L.; BARROS, A. A.; ARAÚJO, C. M. M. F. *Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro*. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 2, n. 2, p. 38-55, 2011.

SANTINI, S.; FAVARIN, E. de V.; NOGUEIRA, M. A.; OLIVEIRA, M. L. de.; RUPPENTHAL, J. E. *Fatores de mortalidade em micro e pequenas empresas: um estudo na região central do Rio Grande do Sul*. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, Florianópolis, v.8, n.1, jan./abr. 2015, p.145-169.

SANTOS, G. P.; ALVES, D. F.; BARRETO, M. O. R. *A utilização da contabilidade de custos como ferramenta para o fortalecimento de uma microempresa do segmento de confecção em Fortaleza*. *Revista Razão Contábil & Finanças*, Fortaleza, v. 3, n. 1, p.1-12, 2012.

SANTOS, V.; DOROW, D. R.; BEUREN, I. M. *Práticas gerenciais de micro e pequenas empresas*. *Revista Ambiente Contábil*. UFRN, Natal (RN), v.8, n.1, p.153–186, jan./jun. 2016.

SCHERER, L. M.; TEODORO, J. D.; KOS, S. R.; ANJOS, R. P. *Demonstração dos fluxos de caixa: análise de diferenças de procedimentos de divulgação entre empresas listadas nas bolsas de valores de São Paulo, Frankfurt, Milão e Londres*. *Revista de Contabilidade e Controladoria*. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 4, n.2, p. 37-51, maio/ago. 2012.

SOUZA, R. A. R. de; RIOS, R. P. *Contabilidade gerencial como ferramenta para gestão financeira nas microempresas: uma pesquisa no município de São Roque*. *Revista Eletrônica Gestão e Negócios*, v.2. n.1, 2011.

ZDANOWICZ, J. E. *Finanças aplicadas para empresas de sucesso*. São Paulo: Atlas, 2012.